

EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: CAMINHOS PROFISSIONAIS APÓS A FORMAÇÃO

Larissa Daniele da Silva Magalhães¹, Wanessa Cristiane Gonçalves Fialho²

RESUMO: A profissão docente vem sendo alvo de diversas pesquisas por ser uma, dentre outras tantas profissões de pouco prestígio, na sociedade. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais muitos alunos que se formam no curso de licenciatura de Ciências Biológicas não exercem a profissão. Através desses questionamentos, este trabalho será relacionado aos egressos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, UEG- Unidade de Quirinópolis do período de 2012 a 2013 com o campo de trabalho, onde atuam no momento. Também serão analisados os motivos para a atuação ou não na docência desses egressos. O contato com os egressos aconteceu através de lista de e-mails, no qual foi encaminhado um questionário, no mês de julho, para ser respondido e devolvido à pesquisadora. Verificou-se, até o momento, que os egressos, em sua maioria, não estão atuando como docentes, devido aos baixos salários e pelas outras oportunidades que o mercado de trabalho oferece, ou até mesmo porque já trabalhavam, antes da graduação e permanecem no mesmo trabalho. Sendo assim, podemos dizer que esses egressos fizeram sua graduação, em licenciatura, por diversos motivos, entre eles para se ter um curso superior, pela exigência do próprio mercado de trabalho, ou pela menor distância da faculdade até a sua casa, ou mesmo, por cursar um curso público, sem gastos com mensalidades, por exemplo.

Palavras-chave: Egressos de Biologia, formação inicial, profissão docente.

INTRODUÇÃO

Ao escolher um curso para ingressar em uma universidade, este precisa ser pensado em termos de afinidades com as habilidades pessoais e os objetivos de trabalho, para que a pessoa, ao se formar, esteja capacitada profissionalmente e se realize na profissão futura. Ser professor, na sociedade atual, demanda coragem, devido à tamanha desvalorização que esse profissional encontra nos mais variados espaços da sociedade. A presente pesquisa busca apresentar a importância de se repensar a atual formação do professor de Ciências/Biologia, diante da realidade encontrada na sala de aula, atendendo às necessidades da sociedade.

Essa valorização ou não da formação inicial depende, em certa medida, de como o professor entende o processo de formação para docência, uma vez que “a *profissão docente é aprendida/desenvolvida antes, durante e após a formação acadêmica específica e realizada institucionalmente*”, conforme afirma SILVA (2009, p.93). Compreender os saberes dos professores é compreender, portanto, sua evolução e suas transformações e sedimentações

1-Aluna do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás- UEG, UnU – Quirinópolis.

2-Professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás- UEG, UnU – Quirinópolis.

sucessivas ao longo da história de vida e da carreira, que remetem a várias camadas da socialização e recomeços, conforme afirma TARDIF (2002) in SILVA (2009).

O processo de formação para docência tem início desde as primeiras séries e não só na faculdade, já que nas séries anteriores à graduação, o aluno também está vivenciando suas experiências aluno/professor, segundo TARDIF (2002) in SILVA (2009). É nessa fase que os futuros professores podem se espelhar para quando começarem a exercer a profissão e se tornarem bons profissionais, uma vez que, enquanto são alunos, estes vivenciam os devidos problemas enfrentados pelos professores, no dia a dia, da profissão.

Diante das experiências dos estágios é que muitos alunos deixam de querer seguir a profissão, pois, os pontos negativos da escola que vão surgindo, no seu cotidiano, como por exemplo, a falta de material para trabalhar com os alunos, um laboratório adequado e o apoio da escola, dificulta o trabalho do professor, desestimulando-o.

Talvez uma grande dificuldade enfrentada pelos graduandos ainda seja a relação entre a teoria/prática, a prática essa que é um grande passo para formação de um professor. A prática se dá na escola, nos estágios dos cursos de graduação, onde os professores vão procurar estabelecer um vínculo bastante forte entre o saber e o saber fazer (CARVALHO e GIL-PEREZ, 2001).

No estágio o acadêmico poderá vivenciar tudo o que se passa em uma escola, uma vez que o professor não apenas ministra as aulas como também planeja suas aulas, participa do trabalho coletivo, conselho de classe entre outras reuniões e eventos nos quais são convocados.

É no estágio que o acadêmico terá condições de trabalhar questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a escola no seu dia a dia, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras, segundo PIMENTA e LIMA (2004). Pensando nessas questões as principais finalidades da prática de ensino, componente curricular nos cursos de Ciências Biológicas, situa-se em duas dimensões de naturezas distintas: a de podermos reunir as atividades que buscam criar oportunidades de vivências pedagógicas e a de situarmos aquelas que priorizam a pesquisa como componente formativo da prática de ensino SELLES e FERREIRA (2003).

Sabemos que têm sido frequentes as afirmações de que a profissão de professor está desvalorizada, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação (LIBÂNEO, 2000). Sendo que os meios de comunicação e informação vieram para favorecer nossos conhecimentos e não substituir o professor ou o ser humano em geral.

Com as novas tecnologias o professor apenas precisa se adaptar a elas buscando uma nova didática para suas aulas. Como afirma LIBÂNEO (2000, p.10).

Professores são necessários, sim. Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática as novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação.

Uma grande certeza que temos sobre essas tecnologias já existentes é que o campo da educação não consegue acompanhá-las. Temos ótimas tecnologias para se trabalhar na educação, mas nem sempre elas estão disponibilizadas nas escolas.

Por outro lado, sabemos que a grande maioria dos alunos estão interessados em outras aprendizagens, em sua maioria, mais interessantes do que a escola, como a internet, as redes de relacionamentos, os “*tablets*”, entre outros.

Também é verdade que, em uma parcela das escolas públicas de ensino fundamental e médio podemos contar com laboratórios de informática, mas os computadores são poucos para atender todos os alunos. As bibliotecas das escolas muitas vezes são desatualizadas e nos laboratórios de ciências ainda faltam os materiais necessários para a realização de práticas. E, algumas escolas já possuem Data show, mas o número é insuficiente para atender toda a escola, enquanto em outras ainda nem chegou essa tecnologia.

O professor de ciências encontra-se em situação privilegiada sobre as tecnologias em relação aos outros profissionais da escola, pela sua formação básica e pela variedade de material didático disponível na internet e outros meios tecnológicos, facilitando assim seu modo de ensinar e favorecendo, dessa maneira, as aulas mais dinâmicas, como afirma DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. (2002).

O ensino de ciências pode ser diversificado com o auxílio das modalidades didáticas, inclusive daquelas específicas para este campo de estudo, como a experimentação, a demonstração, as simulações, dentre outras. Em decorrência da diversidade dos conteúdos desta área de ensino, o professor de ciência/biologia, pode lecionar utilizando essas modalidades didáticas específicas do ensino de ciências e deixar de utilizar tanto o quadro e o giz, aumentando, assim, o interesse do aluno pelas aulas.

A sociedade atual oferece variadas formas de interação do aluno com os conteúdos das ciências, como, por exemplo, os modelos anatômicos, para se estudar os diferentes órgãos e sistemas dos seres vivos; diversos tipos de materiais, encontrados em papelarias, como as massas de modelar, “*biscuit*”; materiais de baixo custo, como o isopor, E.V.A., ou mesmo descartáveis, como as garrafas *pet*; que podem ser utilizados para confecção de material

pedagógico, com os alunos; ou simplesmente fazer a coleta de seres vivos, como plantas, para a demonstração em aulas, sem contarmos com os jogos e vídeos, encontrados na internet.

Em contrapartida, o professor é mais que um transmissor de informações e conhecimentos, ele tem um grande papel na sociedade em que vivemos que é de educar, pois, além de trabalhar em sala o currículo explícito, referente à transmissão dos saberes ao aluno, também trabalha a parte do currículo oculto, que diz respeito à transmissão de valores, normas e comportamentos (LIBÂNEO, 2013). Dessa forma, os alunos acabam se envolvendo com as aulas trazendo informações do seu cotidiano, para trabalhar em sala de aula.

Ao refletirmos sobre essas questões pensamos: Quais são os motivos que levam os alunos a fazer o curso de licenciatura de Ciências Biológicas? Para a realização desta pesquisa será relacionada à formação de professores do curso de Ciências Biológicas da UEG, Unidade de Quirinópolis, do período de 2012 a 2013 com o campo de trabalho, que exercem no momento. Também será analisado os motivos para a atuação ou não na docência desses egressos.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa está sendo realizada com egressos do curso de Ciências Biológicas do período de 2012 e 2013, da UEG, UnU-Quirinópolis-GO, por meio de um questionário, enviado aos egressos por endereços eletrônicos (e-mails). O contato com os egressos aconteceu através de lista de e-mails disponibilizada pela coordenação do curso, professores, colegas e secretaria da Universidade.

Primeiramente foi informado aos egressos o compromisso do anonimato dos mesmos, em seguida foi enviada uma correspondência eletrônica (e-mail) com o questionário para que os egressos pudessem responder.

O questionário foi encaminhado, no mês de julho, com um prazo máximo de três semanas para que os egressos possam responder e retornar o e-mail para a análise dos dados.

Em seguida esses dados serão lidos, analisados e tabulados para a discussão dos resultados.

RESULTADOS ESPERADOS

Ao se buscar e analisar os dados obtidos desta pesquisa nos apoiamos nos estudos de TIBALLI, E. F. A.; CHAVES, S. M., (2003) ao concluírem que, embora muitos alunos talvez

se tornem professor, sem nunca terem pensado objetivamente nessa profissão, acabam escolhendo os cursos de licenciatura por uma série de motivos, entre os quais: falta de apoio financeiro para o custeio de estudos de interesse quer na cidade, quer fora da cidade onde moravam; por ser um curso de magistério disponível na cidade, por sobreviver a partir de experiência anterior como professor leigo, surgiu a possibilidade pela criação do curso na escola onde já estudava; ou ainda pelo casamento. Mas ainda existem aqueles que fazem essa escolha porque gostam ou “sempre quiseram”, simplesmente, ou até mesmo sem saber exatamente o que queriam.

Sendo assim, verificou-se, em análises preliminares, que os egressos do curso de Ciências Biológicas, da UEG, concluíram o curso em tempo regular, entre 21 e 28 anos, escolheram esta universidade para estudar por ser mais próxima de casa e pelo curso. No momento não estão exercendo a profissão de professor devido outras oportunidades do mercado de trabalho, como, por exemplo, já trabalham em empresas privadas ou por já trabalharem em outras áreas, antes mesmo de começarem o curso e a maioria deles não estão satisfeitos com sua vida financeira.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que os egressos, em sua maioria, ao se matricularem no curso de Ciências Biológicas, não tinham a intenção, ao se formarem, de exercerem a profissão de docente e sim atuarem em outras áreas do campo de atuação desse curso, que é grande, mesmo ele se formando licenciado e não bacharel.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Anna M. Pessoa de; GIL-PEREZ, Daniel. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M.; **Ensino de Ciências: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus, professor? Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____**Didática**. São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena; **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Formação docente em Ciências: memórias e práticas**. Niterói: Eduff, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3 ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. In SILVA, M. **Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2009. Disponível em: < <http://static.scielo.org/scielobooks/8xxn2/pdf/silva-9788598605975.pdf> > Acesso em: 22 de maio 2014 às 20h31min.

TIBALLI, E. F. A.; CHAVES, S. M. (Org.). **Concepções e práticas de formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DPA, 2003, p.59.